



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: ST5 Trabalho, Organizações e Profissões

AS ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS NA LÓGICA DA PROFISSIONALIZAÇÃO INSTITUCIONAL

MELO, Marina

Doutoranda em Sociologia

Universidade do Minho (PT) e Universidade Federal de Pernambuco (BR).

melomarina@msn.com

MARQUES, Ana Paula

Professora Doutora em Sociologia

Centro Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho.

amarques@ics.uminho.pt

Resumo

O presente trabalho é baseado no desenvolvimento da tese de doutoramento em sociologia (UMinho-Portugal / UFPE-Brasil) que visa analisar quais as consequências do atual fluxo de profissionalização institucional das ONGs para estas entidades. Para tanto, os objetivos específicos que circundam esta dimensão são: 1. Examinar como se constroem as divisões de trabalho, a especialização e a busca por profissionalização dentro de diferentes tipos de ONGs; 1.1 Verificar por quem e como são definidas as agendas das ONGs; 1.2 Examinar se diferentes tipos de ONGs tendem a compor diferentes tipos de profissionalização nas entidades. 2. Investigar as perspectivas que os agentes das ONGs e seus financiadores têm sobre o atual processo de profissionalização; 2.1. Analisar como são construídas as noções éticas sobre a captação de recursos para as ONGs entre os agentes atuantes nessas organizações e seus financiadores e como tais noções se manifestam no cotidiano das entidades; 3. Verificar quais os vínculos entre a sustentabilidade financeira e a profissionalização dessas organizações; 3.1. Investigar o tipo de relação que as ONGs mantêm com os financiadores do Estado, do Mercado e do Terceiro Sector (agências internacionais etc) e; 3.2. Analisar se as relações com os demais sectores e o modo de obter sustentabilidade financeira provocam perda de autonomia nas ONGs e o que isto significa para as instituições; o que significa, em termos práticos, uma ONG considerar-se ou ser considerada autônoma. Nesta investigação, percebemos que o mesmo problema sociológico se dava no Brasil e em Portugal, ainda que de maneiras e escalas distintas, o que nos fez propor um estudo conjunto, com subsídios comparativos complementares. Com recurso aos resultados preliminares da investigação em andamento, em particular a partir das observações de estudos de casos nos dois países, pudemos perceber elementos que tendiam a se tornar ocultos quando nos centramos exclusivamente em realidades locais, como o caso de um recorte espacial que considerasse apenas Brasil ou Portugal. Assim, pretendemos contribuir para a visibilização de processos que sustentam proximidades e/ ou especificidades que se registam quando se confrontam realidades sócio-históricas e espaciais distintas.

Abstract

This work is based on the development of the PHD thesis in sociology (UMinho-Portugal / UFPE-Brazil) which aims to analyze the consequences of institutional professionalization of NGOs for these entities. For this purpose, the specific goals we have for this dimension are: 1. Examine the division of labor, specialization and the pursuit for professionalization in different types of NGOs; 1.1 Check for whom and how the NGOs schedules are defined 1.2 Examine how different types of NGOs tend to make different types of professionalization. 2. Investigate the prospects that the agents of NGOs have about the current process of professionalization; 2.1. Analyze how the ethics conceptions are built in their working, and how such notions are manifested day by day inside the entities 3. Check the relations between financial sustainability and professionalism of these organizations; 3.1. Investigate the type of relationship the NGOs have with the funders from the State, Market and Third Sector (international agencies, etc.), and 3.2. Analyze the relationships with these other sectors, how to get financial sustainability and think about autonomy in NGOs and what it means for the institutions. In this investigation we realize that almost same sociological problem happens in Brazil and Portugal, but in different ways and scales, which led us to propose a kind of comparative research (with comparatives elements). At least and with some preliminary results, in particular from observations of case studies in both countries, we could see elements that tend to become hidden when we focus exclusively on local realities.

Palavras-chave: Profissionalização; Terceiro Sector; Organizações Não-Governamentais

Keywords: Professionalization; Third Sector; Non-Governmental Organizations

[PAP0055]

1. As Organizações Não-Governamentais na Lógica da Profissionalização Institucional

A presente comunicação tem por objetivo apresentar o andamento da investigação “Profissionalização nas Organizações Não-Governamentais”, a trazer algumas reflexões sobre processos metodológicos nas ciências sociais a partir deste estudo mais específico localizado nas questões da profissionalização do terceiro sector.

Consideramos o objeto de estudo das ONGs sob o objetivo geral de analisar quais as consequências do atual fluxo de profissionalização institucional das ONGs para estas entidades. Para tanto, os objetivos específicos que circundam esta dimensão são: 1. Examinar como se constroem as divisões de trabalho, a especialização e a busca por profissionalização dentro de diferentes tipos de ONGs; 1.1 Verificar por quem e como são definidas as agendas das ONGs; 1.2 Examinar se diferentes tipos de ONGs tendem a compor diferentes tipos de profissionalização nas entidades. 2. Investigar as perspectivas que os agentes das ONGs e seus financiadores têm sobre o atual processo de profissionalização; 2.1. Analisar como são construídas as noções éticas sobre a captação de recursos para as ONGs entre os agentes atuantes nessas organizações e seus financiadores e como tais noções se manifestam no cotidiano das entidades; 3. Verificar quais os vínculos entre a sustentabilidade financeira e a profissionalização dessas organizações; 3.1. Investigar o tipo de relação que as ONGs mantêm com os financiadores do Estado, do Mercado e do Terceiro Sector (agências internacionais etc) e; 3.2. Analisar se as relações com os demais sectores e o modo de obter sustentabilidade financeira provocam perda de autonomia nas ONGs e o que isto significa para as instituições; o que significa, em termos práticos, uma ONG considerar-se ou ser considerada autônoma.

Ao refletirmos sobre a trajetória que nos levou a determinado problema sociológico, pensamos sobre os motivos para estudarmos certos temas e não outros, de destacar da realidade aspectos que consideramos pertinentes à sociologia contemporânea. Posta essa situação notamos que, sob um plano mais particular, é necessário que tomemos decisões - de cunhos ontológico, metodológico, epistemológico, de métodos e técnicas de pesquisa - e essas, dentro da sociologia, são guiadas pelo constante retorno às nossas justificativas, das razões em considerarmos que a pergunta de partida utilizada na investigação fornecerá apontamentos, pistas, interessantes à sociologia contemporânea.

A sociologia contemporânea circula por uma pluralidade de ênfases, abordagens, perspectivas ontológicas e epistemológicas e o crescimento numérico e diversificado do Terceiro Sector, em especial das ONGs, faz com que as pesquisas no campo das ciências sociais se voltem para uma tentativa de compreender e explicar esse fenômeno em expansão. A relevância de nossa investigação reside na possibilidade de trazer uma contribuição a esse debate mais geral, ao focalizarmos de modo específico as consequências desse processo. Apesar de vários estudos trabalharem a repercussão da profissionalização nessas organizações (Landim, 1993; Carvalho, 1999; Haddad, 2002; Lima, 2003; Costa, 2004), observamos que o aspecto da profissionalização, quando considerado juntamente à cultura organizacional das entidades e como estas lidam com as transformações, ainda não tem sido explorado de modo mais específico pela literatura sociológica sobre as ONGs, embora alguns autores apontem para a importância da temática e forneçam subsídios para esse tipo de investigação.

De outro lado, alguns estudos sobre o tema operam a partir da administração/gestão, da economia, dos serviços sociais, ou por demais disciplinas que não são específicas à sociologia. Parte significativa dessa produção bibliográfica de profissionalização é designadamente voltada para as ONGs e funciona como cartilha/manual de gestão. Há também casos de produções que partem de visões polarizadas e dicotômicas sobre as instituições (a exemplo, a tomar as ONGs como necessariamente “boas” ou “más”), no que tiram a heterogeneidade do Terceiro Sector e desconsideram a complexidade da profissionalização nessas entidades, bem como as chaves analíticas desenhadas pelos nossos objetivos específicos que consideramos ser indispensáveis ao estudo. Nesse sentido, nossa contribuição maior pretendida é a de fomentar esse problema a partir de abordagens contemporâneas, do diálogo conceptual de que a sociologia dispõe, estabelecendo novas relações que possam enriquecer, problematizar, relativizar ou confirmar trabalhos anteriores, mas a considerar que o recorte e o enfoque que propomos é ainda pouco notado dentro da sociologia, sobretudo, brasileira e portuguesa.

Nossa investigação dá-se nos quadros, maiormente, da sociologia das organizações, sob forte inspiração da literatura produzida no Brasil e em Portugal a partir da década de 1990, quando do crescimento de discussões acadêmicas/políticas sobre o “boom” do terceiro sector. Essa literatura mais recente agrega desde textos produzidos pelo e para o terceiro sector, que nos serve como pontos de reflexão a análises documentais para o trabalho (do que tem sido lido pelos agentes do terceiro sector, lido é, discutido, articulado) a uma literatura, como dissemos, que também teve como suporte as preocupações centrais da sociologia das organizações e de suas mutações ao longo do tempo, do contexto e, mais especificamente, dos objetos com os quais trabalha. Salientamos que embora parte significativa da sociologia das organizações produzida seja destinada às organizações privadas de Mercado, não nos prendemos a esse tipo de análise. Consideramos que não somente os conceitos centrais de organização, assim como o que fazemos com tais conceitos, como articulamos na tentativa de expressar um problema e trabalhar com este, são amplos e adequáveis aos mais variados padrões de organização, a exemplo das ONGs, que tampouco estão isoladas no terceiro sector mas que, pelo contrário, participam de modelos administrativos cada vez mais parecidos aos do mundo de Mercado, nomeadamente, quando tendem a possuir modelos de profissionalização mais complexos.

Diante do exposto, utilizamos a sociologia das organizações considerando sua trajetória clássica de Taylor e a questão científica, Fayol e a teoria geral da administração, bem como de Max Weber com sua teoria burocrática, pontos reconsiderados a partir do contexto mais específico das organizações de terceiro sector atualmente. Ao retomarmos a construção histórica da sociologia das organizações, não o fazemos apenas em função de se saber como a perspectiva avançou no campo de investigação sociológica ao longo dos anos, mas sim, para que a partir desse quadro possamos qualificar nossa questão inicial do que é uma organização perante a problematização da presente investigação, diante dos quadros social e sociológico em que se apresentam as organizações consideradas aqui como ONGs. Dito em outros termos, mais do que conceituar e definir, tal levantamento histórico tem como principal contribuição nos fazer partir de questões situadas em um debate sociológico mais amplo. Ademais, nessa preocupação em solidificarmos o terreno teórico de trabalho consoante à sociologia das organizações, consideramos ao longo da investigação autores como Lakatos (1987), Pierre Moessinger (1992), Philippe Bernoux (1997-1998), Mario Krieger (2001).

Posto isto, não podemos dar conta de um problema sociológico a partir de apenas uma ou outra teoria, tampouco todas imaginadas podem fazer parte de um cenário de discussões, afinal, se assim o fizéssemos, teríamos apenas um emaranhado de pensamentos vindos de reflexões diversas, de diferentes pontos e contextos epistemológicos sobre um determinado objeto. Podemos sustentar que ao nosso problema de analisar as consequências do atual fluxo de profissionalização institucional do terceiro sector convém uma luz maior à sociologia das organizações, onde há um campo de reflexão para tal problemática e por onde seguimos. Contudo, não estamos a dizer que outras perspectivas teóricas sejam falsas ou que não se conectem em nenhuma instância ao proposto no trabalho. A sociologia das profissões, por exemplo, não se ausenta por completo do contexto da pesquisa porque embora nossa pergunta de partida esteja focada na estrutura dessas organizações, não podemos estudá-la a desconsiderar a questão da agência formada pelos indivíduos que compõem as instituições, constituindo grupos profissionais específicos. O que passa, especialmente, é que na sociologia não há como lançarmos sempre mão das vertentes teóricas como se fossem elementos binários de “sim” ou “não”, de usar ou não uma determinada corrente. O que existe, e notamos cada vez mais forte com o avançar da investigação concreta, das percepções literárias de outros autores que possuem *backgrounds* diferentes, que acessam e alcançam essas teorias de maneira distintas da nossa, sobretudo por terem problemas notadamente outros, é que não existe uma “receita de bolo” montada totalmente à pesquisa, mas que os ingredientes e as proporções médias sabemos como devem ser operados desde que formado nosso cenário de estudo, que gerou o quadro teórico apoiado nas organizações. Ainda na analogia, hipotética, sabemos que para se ter um bolo de chocolate temos de colocar uma quantidade mínima de chocolate a responder à vontade, ao “problema”, de criar um bolo de chocolate, da mesma forma que a um bolo branco de baunilha sabemos que o chocolate não cabe em sua massa.

Ao iniciarmos o trabalho, sugerimos que o mesmo problema sociológico dava-se no Brasil e em Portugal, ainda que de maneiras e escalas distintas. Todavia, se indicamo-nos a uma análise conjunta entre os dois países, devemos admitir que não se trata de uma comparação de pesos iguais, ou melhor, não propomos uma

comparação entre as profissionalizações portuguesa e brasileira de ONGs. O que propomos é um estudo conjunto, de modo complementar, haja vista que tampouco foi parte dos objetivos desse trabalho a comparação entre o fenômeno estudado no Brasil e em Portugal. Planeamos, a partir das observações nos dois países, perceber elementos que tendem a se tornar ocultos quando nos centramos exclusivamente em realidades locais, como o caso de um recorte espacial que considerasse apenas Brasil, Recife-PE. Em suma, na presente investigação não há uma comparação entre Brasil e Portugal, mas sim, um estudo com elementos comparativos que nos auxiliam na percepção de diferentes ângulos das dimensões analíticas estudadas sobre a profissionalização das ONGsⁱ. Desde que imaginado o estudo sob tal recorte, realizamos o trabalho em uma instituição brasileira - Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco – e em uma instituição portuguesa – Centro de Investigação em Ciências Sociais do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (Linha de Pesquisa Sociologia das Organizações e do Trabalho).

A presente investigação tem por base a perspectiva qualitativa de análise. Contudo, apesar de lidarmos com o paradigma qualitativo, utilizaremos pesquisas de cunho quantitativo já realizadas sobre pontos pertinentes à nossa problematização como dados secundários, a exemplo de pesquisas realizadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), RITs (Rede de Informações para o Terceiro Sector), Abong (Associação Brasileira de ONGs), INE (Instituto Nacional de Estatística – Portugal) etc.

Consoante aos métodos e técnicas de pesquisa utilizados, nomeadamente ao recorte espacial e à seleção do *corpus*, temos:

2. No Caso Brasileiro:

Como seria inviável lidarmos com esta discussão em todo o Brasil, a investigação tem como primeiro recorte espacial a Região Metropolitana do Recife-PE. Em 2008 realizamos um trabalho sobre a Missão e a Profissionalização das ONGs. Neste, construímos o *corpus* da pesquisa com duas ONGs (ONG 1 e ONG 2) que possuíam o mesmo foco de atuação, que tinham missões semelhantes (auxiliam meninas em situação de vulnerabilidade social) e com modelos de complexidade de profissionalização distintosⁱⁱ, a fim de entendermos como diferentes ONGs lidavam com o mesmo tipo de problema social. Agora, guiamos o estudo a partir dessas duas ONGs utilizadas naquela primeira instância, realizando uma espécie de releitura do encontrado neste trabalho anterior e ampliando o quadro de problematização com diferentes perguntas que foram levadas a campo. Essa medida apoia-se, primeiramente, no facto de que neste primeiro trabalho investigou-se a missão das duas ONGs diante do processo de profissionalização e, embora a missão não seja mais o foco de nossa pergunta de partida, ela coloca-se como a base para entendermos a autonomia das entidades e a flexibilização dos processos de profissionalização, o que nos leva, por conseguinte, ao objetivo de entendermos as conseqüências de tal processo face à relação entre os três sectores. Logo, não iniciamos o campo recifense do “zero”, pois, já conhecemos parte significativa das formas de atuação das duas entidades selecionadas. Em segundo plano, temos que já construímos laços sociais nas duas organizações, o que viabiliza o trabalho, a acessibilidade para entrevistas e as permissões para realizarmos o estudo. Estas duas entidades são as primeiras de análise, uma de grande porte, altamente burocratizada, e outra, de pequeno, em oposto à primeira. O principal motivo que nos fez optar por organizações de pequeno e grande portes é que com essas podemos ver os pontos “extremos” das formas de profissionalização. Em outras palavras, maximizar as possibilidades do campo de análise nos fez lidar com a realidade de forma alongada e nos auxiliou a pensar nos diversos tamanhos de ONGs existentes, bem como nos diversos tipos de impactos que essas causam na realidade social.

3. No Caso Português:

Se a seleção do *corpus* brasileiro foi cumprida a partir de duas ONGs já investigadas dentro de um campo de debate relativamente conhecido, o campo português foi construído pelo inédito. Por razões de viabilidade de pesquisa, realizamos um recorte espacial para a seleção das ONGs portuguesas na Região do Minho, Norte do País. No estudo de campo em Portugal selecionamos, também, duas ONGs para utilizarmos como

elementos investigativos (ONG 3 e ONG 4) a partir das mesmas noções consideradas nas ONGs brasileiras: ONG 3 como entidade de menor complexidade de profissionalização institucional aparente, ao contrário da ONG 4.

Como demonstrado, o campo português configura-se como uma base para o entendimento do desenho amplo de profissionalização das ONGs, não será em si e exclusivamente o tronco do trabalho. Salientamos ainda que utilizamos apenas duas ONGs portuguesas, e não mais, porque encontramos diferenças culturais múltiplas entre Brasil e Portugal que levam mais tempo de adaptação e assimilação da realidade. Nota-se, ainda, que a seleção das duas organizações foi realizada a partir de um estudo exploratório baseado na listagem de ADL (Associações de Desenvolvimento Local) de Braga e Região. Por ela, localizamos as ONGs que possuíam missões relativamente semelhantes às das ONGs trabalhadas no Brasil (vulnerabilidade social de jovens), tivemos acesso a representantes e consideramos as possibilidades concretas de estudo a partir desse trabalho realizado ao longo do ano letivo 2010-2011.

A investigação é alcançada com o recurso da análise de conteúdo. Nas quatro ONGs selecionadas realizamos observações participante e direta, continuadas por entrevistas semi-estruturadas com os agentes atuantes das ONGs como ferramenta de levantamento de informações. Pela análise de conteúdo (Bardin, 1977; Minayo, 2004) partimos à análise documental. Logo, trabalharemos sobre os conteúdos manifestos e latentes presentes nos conteúdos mencionados através dos processos da análise de conteúdo de codificação, categorização e inferência.

Nota-se que as escolhas metodológicas e de métodos e técnicas de pesquisa foram amparadas, sobretudo, em perguntas mais epistemológicas de “como conhecer certa coisa”. A perspectiva em que se apoiaram os objetivos específicos da investigação, alicerçados pelas categorias analíticas de autonomia, formas de relações do terceiro sector com os demais, sustentabilidade financeira das ONGs etc. O tipo de questões que levantamos à tese, e a não detenção a aspectos como “linguagem”, por exemplo, nos fizeram optar pela análise de conteúdo e não pela análise de discurso, por exemplo. Afinal, e bem especialmente, o trabalho é sobre profissionalização institucional e não sobre o processo de profissionalização dos agentes das entidades, o que foi o ponto mais difícil de separar no campo teórico, sobretudo, porque são “inseparáveis”, o que gera uma contradição que finda por ser a grande razão em desenvolvermos o presente trabalho. Felizmente, os cientistas sociais não param seus trabalhos quando se deparam com as contradições inerente à própria ciência a qual dedicam-se, pois, seus trabalhos centram-se, justamente, na articulação de seus problemas de investigação a partir das contradições sociais, patentes e latentes.

4. Algumas Considerações

Esboçamos algumas questões metodológicas gerais sobre nossa investigação a partir da pergunta de partida sobre as consequências do atual fluxo de profissionalização institucional do terceiro sector, considerando as dimensões analíticas que sustentam esta investigação pelos objetivos específicos apresentados que dizem respeito à sustentabilidade dessas organizações, à relação que elas mantêm com o Estado e com o Mercado, às percepções sobre autonomia, as projeções éticas que realizam dentro de um quadro de trabalho alicerçado em dinâmicas específicas de divisão do trabalho etc. Vemos, por hora, ocasião de mencionar alguns elementos verificados ao longo da investigação que servem a nos guiar para futuras conclusões ao objetivo geral da pesquisa.

Se quando construímos um marco teórico para a presente pesquisa tivemos em mente que em campo iríamos “testar” os limites das combinações teóricas com as quais trabalhamos, verificamos que, também, pelas teorias repensadas testamos as compreensões que podemos ter do campo, isto é, o percurso teoria-campo-teoria não é linear, tampouco marcado por um processo uniforme da construção do conhecimento porque as relações que estabelecemos nas análises são renováveis, plásticas. Logo, pensamos: e que tipo de sistema tem-se renovado no terceiro sector que diz respeito à sua profissionalização? A ter em consideração que a construção do terceiro sector é também um evento social, a pista de que a explicação para entendermos a profissionalização estaria nas relações tornou-se evidente e saltou ao trabalho como ponto de destaque. A isto liga-se a percepção primeira de que campo e teoria são elementos porosos às influências mútuas,

notadamente, quando a questão da agência/estrutura passa a reivindicar protagonismo na investigação que, embora arquitetada a uma atenção mais estrutural das instituições, só fez sentido quando interpretada à luz das percepções dos agentes atuantes nas organizações, agentes esses que formam-se ou não em grupos profissionais, que inserem-se nas instituições das mais diversas maneiras e nos faz recorrer a vertentes epistemológicas flexíveis, ao exemplo nítido do auxílio da sociologia das profissões neste estudo.

Para recortarmos o *corpus* de pesquisa realizamos uma espécie de tipologia sobre as organizações de que falávamos quando citávamos as ONGs. Apenas a partir destas delimitações que, metodologicamente, pudemos trabalhar nossas unidades de análise e observação. Uma vez que tal tipologia é consoante a um campo de possibilidades amplo, após a investigação nas entidades pudemos aferir que, em realidade, tratávamos de instituições completamente distintas e que o que as ligavam a um mesmo grupo de identificação (terceiro sector) eram supostamente elementos abstratos como o de reconhecimento social enquanto ONGs dentre outras características mais gerais que não respondem à problemática da questão geral da profissionalização institucional. Em outras palavras, embora estas organizações tenham elementos em comum, seus aspectos de gestão, de como lidam face aos demais sectores, os valores que carregam e, sobretudo, como agem perante as possibilidades de interação social são diferentes o suficiente para percebermos que tratamos de instituições distintas mas que têm componentes transversais, ou seja, o que de facto as une ao terceiro sector são abstrações teóricas, políticas, jurídicas, interessantes ao funcionamento deste Sector, mas que pouco podem dizer de um grupo tão diverso e heterogêneo.

Sobre a heterogeneidade, há de se ressaltar que a hipótese, ou mesmo uma perspectiva metodológica que tínhamos no projeto inicial que deu base ao trabalho, de que não encontraríamos em campo sentido para hierarquizar processos de profissionalização foi confirmada. A complexidade da profissionalização pode ser exemplificada quando encontramos uma das ONGs portuguesas pequena em termos de estrutura e equipa com um trabalho de longo alcance e atendimento, ao mesmo tempo em que dimensões que foram entendidas na tese como sinais de pouca complexidade de profissionalização fizeram-se presentes em entidades altamente burocratizadas e com uma profissionalização geral igualmente complexa. Profissionalização também não pode ser entendida como a estrutura física, ou número de atendidos ou funcionários da organização (tanto que, em campo, localizamos profissionalizações complexas a serem desenvolvidas por um corpo pequeno de profissionais), igualmente, é um elemento que encenam as ONGs que, por suas vezes, encenam na sociedade diante das representações que esta sociedade tem do terceiro e dos demais sectores.

Qual são então as consequências da profissionalização? As pistas que aqui esboçamos dependem, necessariamente, do ponto de onde partimos, ou seja, as consequências são diferentes de acordo com os tipos de profissionalização, os aspectos distintivos entre suas aplicações a partir de, também, distintos modelos institucionais. Para o terceiro sector como um todo, o que mais impacta em termos de mudanças são os aspectos de gestão que ao mesmo tempo que refinam e especializam o trabalho das organizações, ficam à mercê de um fluxo externo de exigências que se fazem coercitivas a uma estrutura macro ao mesmo tempo em que, cotidianamente, as organizações interagem a partir de suas particularidades, o que traz à tona as contradições entre agência e estrutura, presentes em quase todas análises sociais e sociológicas, notadamente porque preocupadas com a condição humana.

Salientamos ainda que este trabalho não objetiva criar elementos parciais de valor como entender os processos de profissionalização como “bons” ou “maus” ao terceiro sector, sobretudo porque o sistema em que se localiza o terceiro sector é externo a ele dado que as ONGs interagem com o Mercado, o Estado e com a sociedade como um todo. Em outra medida, ressaltamos que quanto à provável contribuição prática da pesquisa, notamos como essa não pode ser imediata, dado que nosso trabalho não tem sido realizado no âmbito de uma ONGⁱⁱⁱ, mas sim em um espaço acadêmico, sem influência direta sobre a prática de seus agentes. Não se trata de uma pesquisa-ação que visa modificar as formas de ser, as atitudes, os propósitos e pensamentos dos indivíduos envolvidos em instituições pertencentes ao Terceiro Sector. Contudo, supomos que em longo prazo os resultados dessa pesquisa, se incorporados ao debate no interior acadêmico e das ONGs, podem provocar novas reflexões e inquietações entre seus agentes atuantes, bem como perspectivar, tensionar e propor conexões a estudos sociológicos sobre o terceiro sector.

5. Referências Bibliográficas

- Bardin, Laurence (1977). *A análise de conteúdo*. Rio de Janeiro: Edições 70.
- Bernoux, Phillippe (1997-1998). *A sociologia das organizações*. Porto: Rés.
- Carvalho, Cristina Amélia Pereira de (1999). *Preservar a identidade e buscar padrões de eficiência: questões complementares ou contraditórias na atualidade das Organizações Não-Governamentais?* In: Revista do GENEIT/PPGA/UFRGS.
- Costa, José Ricardo Ferreira da (2004). *Sociedade Civil, Humanitarismo e Utilitarismo: um estudo empírico sobre os padrões de solidariedade das ONGs da RMR*. Dissertação de Mestrado. Recife / UFPE.
- Haddad, Soraia (2002). *A profissionalização chega às Organizações Sociais*. Gazeta Mercantil.
- Krieger, Mario (2001). *Sociologia de las organizaciones: una introducción al comportamiento organizacional*. Buenos Aires: Prentice Hall.
- Lakatos, Eva Maria (1987). *Sociologia Geral*. 5. ed. São Paulo: Atlas.
- Landim, Leilah (1993). *Para Além do Mercado e do Estado? Filantropia e Cidadania no Brasil*. Rio de Janeiro: ISER.
- Lima, Vilma Soares de (2003). *Dádiva e voluntariado: ações de apoio junto a portadores de câncer*. Recife, Programa de Pós-Graduação em Sociologia / UFPE. Dissertação de Mestrado.
- Minayo, Maria Cecília de Souza (2004). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. ed. São Paulo: Hucitec.
- Moessinger, Pierre (1991). *Les fondements de l'organisation*. Paris: Presses universitaires de France.

ⁱ Algumas perguntas mais específicas surgem ao caso das ONGs em Portugal, em um contexto europeu que tem o País em crise e que atua a partir de modelos diferentes aos brasileiros quando da percepção de Estado, de Estado de bem estar social. Surgem daí elementos importantes de investigação como as ONGs portuguesas que atuam fora do País (sobretudo em África, América do Sul e América Central), da percepção dos agentes sobre pobreza e miséria, do que entendem e como atuam a partir do que entendem como vulnerabilidade social etc.

ⁱⁱ Consideramos, grosso modo, a ONG 01 como uma entidade de pequeno porte, com menor complexidade de profissionalização e poucas fontes de financiamento, sustentada, essencialmente, apenas por recursos do governo do Estado de Pernambuco, Brasil. A ONG 02, por sua vez, é aqui considerada como uma ONG com um quadro de profissionalização complexo, substancialmente burocratizada, de grande porte e que possui diversas fontes de financiamento, nacionais e internacionais.

ⁱⁱⁱ Embora façamos uso do recurso técnico de observação participativa em nosso trabalho de campo, é ponto comum tanto para nós como para os agentes das organizações que lá estamos como pesquisadores e não como ativistas. Não possuímos nenhum vínculo interventivo, político-institucional ou de outra ordem nas ONGs pesquisadas.